



## IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica

Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011

ISBN 978-972-8932-88-6

**Ricardo Charters-d'Azevedo**- Ricardo.Charters@gmail.com

### AS PLANTAS DA CIDADE DE LEIRIA DO INÍCIO NO SÉCULO XIX

**Resumo:** A partir de pesquisas na Direcção das Infra-estruturas do Exército, no Arquivo Distrital de Leiria, no *The National Archives* e na Biblioteca do Ministério das Obras Públicas, foi possível encontrar quatro plantas de Leiria datadas do início do século XIX. A comunicação apresenta as suas diferenças, datas em que foram levantadas, bem como, quem determinou o seu levantamento e os responsáveis pela sua elaboração, permitindo assim clarificar e corrigir alguns erros que perduram desde que o Dr. Tito Larcher, de Leiria, em 1909, mandou copiar uma delas.

**Palavras chaves:** cartografia militar, século XIX, plantas, Leiria

**Abstract:** From a research at the Directorate of Infrastructure of the Army, at the District of Leiria's Archive, at The UK National Archives and at the Library of the Ministry of Public Works, it was possible to find four maps, from the early nineteenth century, representing Leiria. The communication sets out their differences, dates they were draw, who had ordered its preparation and the names of its authors, thus clarifying and correcting some errors that have lasted since Dr. Tito Larcher, from Leiria, in 1909 ordered a copy of one of them.

**Keywords:** military cartography, nineteenth century, maps, Leiria

#### Introdução

Existem pelo menos as seguintes plantas da cidade de Leiria, com levantamentos iguais, realizados no início do século XIX, mas com legendas e pormenores diferentes, a saber:

1. No Arquivo Distrital de Leiria (Cota: ADLeiria, Dep VI, gaveta nº 15 ) um exemplar (Fig. 1) sobre tela, com o rio tintado a azul com o título "*Planta da Cidade de Leiria do Anno de 1809*", com 63 x 66 cm com as seguintes legendas:

- a. *Canto inferior direito*: "Escala aproximada 1:2000";
  - b. *Canto superior esquerdo*: "Armas de Leiria" e "Agulha Norte-Sul";
  - c. *Canto superior direito*: "Legenda do Castelo; A.A. Muralhas Antigas; B. Igreja de N Sra da Pena; C. Construcções antigas; D. Torre de menagem; E. Sahida; F. F. Cisternas G. Porta principal; H. *Porta do Arrabalde*"
  - d. *Ao centro*: "*Planta da Cidade de Leiria do Anno de 1809*"
2. No Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar da Direcção de Infra-estruturas do Exército uma planta (Fig. 2) com o título "*Planta da cidade de Leiria*", tintada, com 56 x 63 cm da autoria do major Manuel Joaquim Brandão de Sousa, com as seguintes legendas:
- a. *Canto superior esquerdo*: "Norte-Sul d'Agulha", "Escala de 200 braças" com a correspondência a "A B = 1 palmo"
  - b. *Canto superior direito*: "Planta da Cidade de Leiria pelo Major Manoel Joaquim Brandão de Sousa às ordens do Tenente Coronel Maximiano José da Serra" e "No castello A.A. Cisternas, B. Igreja, C.C. Edificios antigos; D. Torre de Omenagem; E. E. Muralhas antigas; F. Sahida p<sup>a</sup> Campanha; G. Porta principal; H. Porta p<sup>a</sup> o Arrabalde" e tudo incluído numa chaveta indicando "tudo isto em ruina"
3. Na Câmara Municipal de Leiria uma cópia tintada (Fig. 3) <sup>1</sup> de Agosto 1939 com o título "*Planta da Cidade de Leiria do Anno de 1809*", realizada por Raul Faustino de Sousa, com 63 x 66 cm, obtida a partir da referida em 1, com as seguintes legendas:
- a. *Canto inferior direito*: "Escala aproximada 1:2000";
  - b. *Canto inferior esquerdo*: "Cópia fiel da tela de 1809 existente na Biblioteca Erudita e Arquivo Distrital, executada na Repartição técnica da Câmara Municipal de Leiria, por Raul Faustino de Sousa, em Agosto de 1939";
  - c. *Canto superior esquerdo*: "Armas de Leiria" mas sem a "Agulha Norte-Sul";
  - d. *Canto superior direito*: "Legenda do Castelo; A.A. Muralhas Antigas; B. Igreja de N Sra da Pena; C. Construcções antigas; D. Torre de menagem; E. Sahida; F. F. Cisternas G. Porta principal; H. *Porta do Arrabalde*"
  - e. *Ao centro*: "*Planta da Cidade de Leiria do Anno de 1809*"

Desta planta existem diversas cópias nomeadamente na Sociedade de Geografia de Lisboa (Cota : SGL, 3/B/11), na Biblioteca do Arquivo do Ministério das Obras Públicas (Cota: BAHOP C 0192-1

---

<sup>1</sup> Cópia tintada de 1939 que se encontra *na sala de desenho* refere que o original se encontra na Biblioteca Erudita, hoje Arquivo Distrital de Leiria. CML, Desenho 92, Armário 1, gaveta 7. A planta original foi oferecida à Câmara por Tito Larcher, a 6.5.1902 (Cabral, 1993, p. 242.)

C), referidas como “Planta da Cidade de Leiria no anno de 1809”; cópia heliográfica sobre papel, de 64 X 64 cm, indicada como uma cópia fiel, realizada por Raul Faustino de Sousa em 1939, da tela existente no Arquivo Distrital de Leiria.

### **O que sabemos sobre a origem e autoria destas plantas**

Já em 1902 havia dúvidas sobre a origem da planta (fig. 1) dita de 1809 (referida como nº 1), bem como se desconhecia a sua autoria. Assim no “O Districto de Leiria”, de 24 de Maio de 1902, aparecia um artigo com o título “A planta de Leiria em 1809”, de Tito Larcher<sup>2</sup>, Director da Biblioteca Erudita e Arquivo Distrital de Leiria, do seguinte teor:

Como algumas pessoas parecem duvidar da autenticidade da planta de Leiria de 1809, de que se está tirando cópia, vou explicar como se encontrou.

Na história de Luz Soriano, vi uma referência a vários trabalhos que o Marechal Beresford, em 1809 mandou executar por uma brigada de engenharia, composta dos seguintes officiaes: Major José Maria Nunes da Costa<sup>3</sup>, tenente-coronel Carlos Caula, capitão Arbués Moreira e 1.<sup>os</sup> tenentes Clemente dos Santos e Cibrão, varios trabalhos, e entre elles foi levantado uma planta de Leiria que devia comprehender proximamente meia legua em volta do castello.

Procurei saber em que repartição estaria; pelo sr. Major França soube que não estava no archivo do Estado Maior, escrevi para Lisboa para saber se estaria no Ministerio da Guerra, e tive resposta negativa, estava para me dirigir ao general director geral de engenharia, pedindo esclarecimentos, quando encontrando o sr. Theriaga<sup>4</sup> para lhe pedir a morada do seu general, contando-lhe o fim para quê, este sr. me declarou que tinha uma cópia em seu poder da unica planta que na direcção geral de engenharia havia d'esta cidade, mas não sabia de que epoca, e que teve a amabilidade de me facultar, foi d'ella que tirei copia para a camara, depois de verificar que sem duvida era d'aquella epoca. Mas não estava ainda satisfeito, e encontrando na camara o sr. major Lobo, d'engenharia, e fallando ácerca do assumpto, este cavalheiro me declarou que na verdade havia na direcção d'engenharia uma planta de Leiria de dimensões grandes e que por não caber nas estantes estava enrolada atraz d'uma porta. Communiquei logo esta agradável noticia ao sr. Theriaga, que se dirigiu ao sr. general commandante d'engenharia, para lhe permitir tirar uma copia, mas s. ex.<sup>a</sup> mandou-a tirar pelo pessoal da repartição, e dentro em pouco deve estar em Leiria. Nada mais simples. *Tito Larcher.*

João Cabral (1993, 2º vol., p. 242), afirma que a planta que Tito Larcher ofereceu à Câmara Municipal de Leiria em 1902 era de autor desconhecido. Não foi encontrado esse exemplar na Câmara, existindo somente a cópia (referida como nº 3), realizada em 1939 (fig. 3), da existente no Arquivo Distrital.

---

<sup>2</sup> Tito Benevenuto de Lima e Sousa Larcher (1865 – 1932), filho de Francisco Aníbal de Sousa Larcher e de Maria Amália de Lima, republicano e maçom já em 1907. A ele se deve a criação da Biblioteca Erudita e Arquivo Distrital (que para a sua fundação ofereceu a sua biblioteca), e o Museu Regional.

<sup>3</sup> Trata-se do major José Maria das Neves Costa.

<sup>4</sup> José Diogo Lopes da Costa Theriaga (1857 – 1944), filho de Carlos Lopes Theriaga e de Maria do Carmo, cursou o Liceu de Leiria, a Universidade de Coimbra e a Escola do Exército, onde concluiu o curso de engenheiro militar, tendo chegado a major em 1914. Obteve o grau de bacharel em Matemática e Filosofia, tendo sido professor e reitor do Liceu de Leiria. Realizou importantes obras de engenharia para o Município de Leiria, nomeadamente a ampliação do liceu (1929) e um projecto de canalização de esgotos na cidade em 1932. Teve uma sociedade com o architecto Ernesto Korrodi, no início do século XX, a “Korrodi & Theriaga”, que se encarregou das diversas empreitadas de construção do edificio da Câmara Municipal de Leiria. De notar que seu irmão, coronel de Engenharia Joaquim Augusto Lopes da Costa Theriaga (1862 – 1940), era igualmente engenheiro militar, tendo elaborado, como seu irmão, diversos projectos para habitações particulares.

Para surpresa do autor, a planta (fig. 2) referida em 2, da autoria do major Brandão de Sousa, existente na Direcção de Infra-estruturas do Exército, foi até 2007 desconhecida em Leiria, pois parece que foi publicada, pela primeira vez, somente nesse ano (CHARTERS D'AZEVEDO et al, 2007, fig. 14). No entanto esta planta, de 1816, é praticamente a mesma que aquela que Tito Larcher indica como sendo de 1809.

### **Quem poderia ter realizado um levantamento em 1809**

Tal como Tito Larcher indica que encontrou em Luz Soriano, Claudio Chaby (1965, 3ª parte) informa-nos que, em Junho de 1809, foi constituída a Brigada dos Oficiais Engenheiros composta pelo tenente-coronel Carlos Frederico de Caula e por outros 4 oficiais, o major José Maria das Neves Costa (DIAS, 2005), o capitão Francisco Pedro de Arbués Moreira e os primeiros-tenentes José Clemente dos Santos e João António de Almeida Cibrão. Foram várias, e diversas, as comissões de serviço militar de que foi encarregada a referida brigada.

O marechal Beresford, comandante em chefe do Exército, ordenou, em Dezembro de 1809, à brigada que fizesse o “reconhecimento militar da cidade de Leiria e seus contornos, de forma a informar das vantagens que poderia oferecer o antigo castelo e as alturas vizinhas se fossem fortificadas, para auxiliar a resistência do exército anglo-luso e retardar a marcha dos franceses” (Costa, 1818).

O major Neves Costa foi encarregado de reconhecer e construir a carta militar do terreno até meia légua em roda de Leiria, e de informar sobre a importância militar desta posição. “Ele foi de parecer que nenhuma vantagem considerável se devia esperar das fortificações que ali se construíssem”, tendo “o capitão Moreira levantado a planta do castelo” (Costa, 1818) e o tenente-coronel Caula indicado as obras que se deveriam fazer, no caso de se querer aproveitar o castelo para a defesa. Algum tempo depois “estas obras iniciaram-se, mas foram logo suspensas tendo-se abandonado o projecto”.

Consequentemente era de grande importância encontrar aquelas duas plantas levantadas em 1809: a do castelo e a carta militar do terreno até meia légua em roda de Leiria. Encontrámos na Biblioteca do Ministério das Obras Públicas Transportes e Comunicações (Cota: C 0036-3B BAHOP) a “carta militar terreno até meia légua em roda de Leiria” que deve ser o resultado do levantamento realizado pelo major Neves Costa, na sequência da determinação de Beresford. Esta carta (fig. 4) está intitulada como: “Carta Militar do terreno Vezinho a Leiria, pellos officiais engenheiros ao serviço do exército”, tem a data de 1809 e uma escala de 600 braças, foi desenhada a tinta-da-china, colorida e aguarelada em papel tendo as dimensões de 650 x 536 mm. Não tem a indicação de autoria, mas podemos claramente atribuí-la ao major Neves da Costa pela consulta do seu processo individual existente no Arquivo Histórico Militar (Cx. 641), e data-la de Dezembro de 1809.

O Prof Doutor Saul António Gomes chamou-nos recentemente a atenção para um mapa existente (Cota: MPH 1/151/13) nos The National Archives, em Kew, no Reino Unido, que tem a legenda em português, “Castello de Leiria. Configurado a golpe de vista”, e que ele apresentou publicamente no ano passado numa sessão da Casa Museu João Soares, nas Cortes (Leiria).

Trata-se de um mapa (fig. 5) de 26 x 45 cm colorido com uma escala de um palmo = 660 palmos e registado com o número 3866 em “Maps and Plans in the Public Record Office”. London: Ed. Geraldine Beech, 1998, Vol 4 – Europe and Turkey, e que faz parte de um lote de 47 mapas de lugares em Portugal, levantados durante a Guerra Peninsular e guardados no War Office.

É, claramente, este o mapa do Castelo de Leiria que foi levantado, pelo capitão Francisco Pedro de Arbués Moreira para responder à determinação do marechal Beresford em Dezembro de 1809. Foi levado para o Reino Unido, quando os seu exercito retirou.

Este mapa além de mostrar a localização de baterias de artilharia indica a propriedade de duas casas: a casa do Alcaide Mor (que tem alojado o Governo Civil de Leiria) e a casa do coronel João Pereira, que veremos à frente de quem se trata.

Notemos que estas cartas não são os primeiros levantamentos da cidade de Leiria, pois que, o primeiro deve ter sido o realizado em 1791, pelo coronel Conrad Heinrich von Niemeyer, quando do delineamento da Estrada Real de Lisboa a Coimbra, pois que esta cidade era atravessada pela referida Estrada Real (CHARTERS-D’AZEVEDO, 2011). Nesta planta (fig, 6) a cidade de Leiria já se encontra bem representada, se bem que numa escala muito reduzida.

#### **Então de que data e qual a autoria da planta descoberta por Tito Larcher?**

Ora a planta que Tito Larcher mandou copiar para a Biblioteca Erudita e Arquivo Distrital de Leiria e para oferecer à Câmara Municipal de Leiria, como ele explica no “O Distrito de Leiria”, de 24.5.1902 é igual à existente nos arquivos da Direcção de Infra-estruturas do Exército (com excepção das legendas et de outros pequenos pormenores como veremos). E esta foi levantada pelo “major Manuel Joaquim Brandão de Sousa às ordens do tenente-coronel Maximiano José da Serra” como está indicado na sua legenda.

Para podermos datar esta planta fomos examinar o processo individual de Brandão de Sousa, no Arquivo Histórico Militar (Cx 168). No seu processo constam várias atestações referentes aos trabalhos desenvolvidos por ele. Uma, datada de 4 de Março de 1826, assinada pelo Marechal de Campo dos Reais Exércitos e Chefe do Corpo de Engenheiros, Manuel de Sousa Ramos, refere duas actividades em que esteve envolvido na cidade de Leiria:

- “Empregue nas fortificações de Oeiras, Castelo de Leiria e linha de defesa ao Sul do Tejo, às ordens do coronel engenheiro inglês Fletcher, desde 2 de Novembro de 1809, até 22 de Agosto de 1812”;
- “Empregado no reconhecimento da Estrada de Lisboa a Coimbra debaixo das ordens do coronel engenheiro Serra, desde 23 de Janeiro de 1816 até 15 de Novembro do dito ano e no seu regresso a Lisboa levantou a planta da cidade e castelo de Leiria”.

Assim à planta, referenciada acima como 2 (fig. 2), existente na Direcção de Infra-estruturas do Exército, pode ser atribuída a data de 1816. A esta conclusão chegou igualmente a investigadora Maria Helena Dias (2008, p. 43), quando a estudou para Direcção de Infra-estruturas do Exército, e consultou igualmente os processos individuais no Arquivo Histórico Militar dos oficiais do exército Brandão de Sousa (Cx. 168) e Serra (Cx. 2013).

Mas, no mesmo arquivo da Direcção de Infra-estruturas do Exército, encontrámos os rascunhos (Cotas : 2098-2-17-24 e 2100-2-17-24) que levaram ao desenho final da planta referenciada como 2, que atribuímos a Brandão de Sousa e a data de 1816, pois nesses rascunhos está marcado a lápis: “Junho 1816, Major Brandão de Sousa”, confirmando a autoria, e a data, a que já tínhamos chegado.

Estes rascunhos são muito interessantes, como me chamou a atenção o Prof. Doutor Francisco Queiroz, pois, nomeadamente, se verifica que alguns pequenos arruamentos não foram transferidos para a planta final, bem como confirma o tipo de cultivos nos quintais das casas de Leiria e na periferia da cidade. Confirma ainda que o antigo pelourinho de Leiria se encontrava em frente ao edifício da Câmara Municipal de Leiria e não em frente do edifício à sua esquerda como está representada na planta nº 1, dita de 1809 por Tito Larcher.

Assim, foi a partir da planta levantada, em Junho de 1816, pelo major Brandão de Sousa, que Tito Larcher mandou fazer as cópias. Essas cópias foram “melhoradas” corrigindo o nome do rio e colocando alguma toponímia, como veremos a seguir. Como as modificações introduzidas, nomeadamente toponímicas foram importantes, a autoria de Brandão de Sousa foi apagada (!). Tendo em atenção que Tito Larcher reteve da leitura da história de Luz Soriano que tinham sido realizados levantamentos em Leiria, por oficiais do Real Corpo de Engenheiros, em Dezembro de 1809, atribuiu esta data à planta, de Brandão de Sousa.

### **Que diferenças**

Examinemos mais de perto as plantas. O levantamento é igual em ambas, mas as diferenças situam-se nas legendas e nas indicações referentes a ruas e edifícios:

|  |   |   |
|--|---|---|
|  | <b>Planta 1, (fig. 1) dita de 1809 por Tito Larcher</b> | <b>Planta 2 (fig. 2), de 1816 de Brandão de Sousa</b> |
|--|---|---|

| <b>Legenda</b>                  |  |   |
|---------------------------------|--|---|
| <i>Canto inferior direito:</i>  | Escala aproximada 1:2000   | -   |
| <i>Canto inferior esquerdo:</i> | -  | -   |
| <i>Canto superior esquerdo:</i> | “Armas de Leiria” e [Agulha Norte-Sul] <sup>5</sup>  | [Agulha Norte-Sul] e Escala de 200 braças” com a correspondência a “A B 1 palmo   |
| <i>Canto superior direito:</i>  | Legenda do Castelo; A.A. Muralhas Antigas; B. Igreja de N Sra da Pena; C. Construções antigas; D. Torre de menagem; E. Sahida; F. F. Cisternas G. Porta principal; H. Porta do Arrebalde | Planta da Cidade de Leiria pelo Major Manoel Joaquim Brandão de Sousa às ordens do Tenente Coronel Maximiano José da Serra” e “No castello A.A. Cisternas, B. Igreja, C.C. Edifícios antigos; D. Torre de Omenagem; E. E. Muralhas antigas; F. Sahida p <sup>a</sup> Campanha; G. Porta principal; H. Porta p <sup>a</sup> o Arrebalde” e tudo incluído numa chaveta indicando “tudo isto em ruína” |
| <b>Rio</b>                      |  |   |
|                                 | Rio Liz [ligeiramente aquarelado a azul]   | Lena R.   |
|                                 | Açude  | Açude   |
|                                 | -  | Ponte de Madeira  |
|                                 | -  | Ponte   |
|                                 | -  | Ponte de Madeira  |
|                                 | Ponte de S. Martinho   | Ponte   |
|                                 | Ponte dos defuntos   | -   |
|                                 |  |   |
| <b>Fontes</b>                   |  |   |
|                                 | Fonte Freire   | -   |
|                                 | Fonte Grande   | -   |
|                                 | Fonte do Olho do Pedro   | -   |
|                                 |  |   |
| <b>Edifícios</b>                |  |   |
|                                 | [Sombreados ou azulados]   | [Ligeiramente tintados de rosa e verde]   |
|                                 |  |   |
| <b>Religiosos</b>               |  |   |
|                                 | Recolhimento e Seminário de meninas de S.º Estevão   | Recolhimento  |
|                                 | Convento de S.º Agostinho  | Convento dos Agostinhos   |
|                                 | Seminário  | Seminário   |
|                                 | Convento de Sant’Anna  | Convento de Freiras   |
|                                 | Espírito Santo   | -   |
|                                 | S. Braz  |   |
|                                 | N. S. da Conceição   | -   |
|                                 | Misericórdia   | Misericórdia  |
|                                 | Paço episcopal   | Casa do Bispo   |
|                                 | S. Pedro   | -   |
|                                 | -  | Antigo castelo arruinado  |
|                                 | Convento de S. Francisco   | S. Francisco  |
|                                 | <i>Porto Covo</i>  | -   |
|                                 | Salvador   | -   |
|                                 | S. Tiago   | -   |
|                                 | N S <sup>ra</sup> da Anunciação  | -   |
|                                 | S. João  | -   |
|                                 | N S <sup>ra</sup> da Paz   | -   |
|                                 | N S da Graça   | -   |
|                                 | Cemitério (1798)   | Cemitério   |
|                                 |  |   |

<sup>5</sup> A planta 3, existente na Câmara Municipal de Leiria, cópia da planta 1, não tem a Agulha Norte-Sul

| <b>Públicos e privados</b> |  |                                    |
|----------------------------|--|------------------------------------|
|                            | Casa da Câmara e Cadeia                        | --                                 |
|                            | Pelourinho                                     | -                                  |
|                            | Hospital                                       | Hospital                           |
|                            | <i>Correio</i>                                 |                                    |
|                            | <i>Casa de Francisco Xavier Ouriol Pena</i>    | -                                  |
|                            | Casa da família Atayde                         | -                                  |
|                            | <i>José Faria Gomes e Oliveira</i>             | -                                  |
|                            | <i>Manuel José da Costa</i>                    | -                                  |
|                            | Casa de Vasconcelos Hasse                      | -                                  |
|                            | -  | Casa de D. M. <sup>a</sup> Cândida |
|                            | Solar dos Condes de Valadares                  | -                                  |
|                            | [Casa das Cortes <sup>6</sup> ]                | -                                  |
|                            |  |                                    |
| <b>Ruas, largos, etc.</b>  |  |                                    |
|                            | -  | Adro                               |
|                            | Antiga estrada da Batalha                      | P. <sup>a</sup> Batalha            |
|                            | <i>Arco dos Cónegos</i>                        | -                                  |
|                            | Arrebalde da Ponte ou d'Aquem                  | Arrebalde                          |
|                            | -  | Bairro dos Anjos                   |
|                            | Cam. <sup>o</sup> para o Campo                 | P. <sup>a</sup> o Campo            |
|                            | -  | P. <sup>a</sup> os Capuchos        |
|                            | <i>C. da Portela</i>                           | -                                  |
|                            | Calçada do Panta                               | -                                  |
|                            | Cam. <sup>o</sup> para os Capuchos             | Caminho do Campo e dos Capuchos    |
|                            | Cam. <sup>o</sup> de N S da Encarnação         | -                                  |
|                            | <i>Estrada de Peralvito</i>                    | -                                  |
|                            | Estrada Real mandada construir em 1798         | Estrada Real para Coimbra          |
|                            | Estrada R. de Lisboa (1798)                    | Estrada Real p <sup>a</sup> Lisboa |
|                            | <i>Largo dos Barreiros</i>                     | -                                  |
|                            | Largo dos Banhos                               | -                                  |
|                            | Largo do Correio                               | Largo do Correio                   |
|                            | Largo da Graça                                 | -                                  |
|                            | <i>Largo do Hospital</i>                       | -                                  |
|                            | Largo da Lagoa                                 | -                                  |
|                            | Largo dos Olivaes                              | -                                  |
|                            | Largo de S. Bartolomeu                         | -                                  |
|                            | Largo da Sé                                    | -                                  |
|                            | Largo de S. Pedro                              | -                                  |
|                            | Pelourinho [marcado na casa ao lado da Câmara] | [marcado em frente à Câmara]       |
|                            | Rocio  | Rocio                              |
|                            | <i>Rua do Açougue</i>                          | -                                  |
|                            | Rua da Água                                    | -                                  |
|                            | <i>Rua do Alcaide</i>                          | -                                  |
|                            | <i>Rua do Aljube</i>                           | -                                  |
|                            | <i>Rua do Arco do Açougue</i>                  | -                                  |
|                            | Rua do Arco da Misericórdia                    | -                                  |
|                            | Rua dos Banhos ou de D. Mexia                  | -                                  |
|                            | <i>Rua da Cadeia</i>                           | -                                  |
|                            | <i>Rua dos Carros</i>                          | -                                  |
|                            | <i>Rua de cima</i>                             | -                                  |
|                            | <i>Rua do Deão</i>                             | -                                  |
|                            | Rua direita                                    | Rua direita                        |
|                            | <i>Rua da Enxovia</i>                          | -                                  |

<sup>6</sup> Encontra-se rasurado na planta e mal se nota.



|  |                         |
|--|-------------------------|
| Rua da Estalagem   | -                       |
| Rua da estalagem <i>velha</i> [e caminho para a Batalha <sup>7</sup> ] | P. <sup>a</sup> Batalha |
| Rocio das Faias  | -                       |
| <i>Rua do Godim</i>  | -                       |
| <i>Rua do Hospital</i>   | -                       |
| Rua larga  | -                       |
| <i>Rua de Manuel Moreira</i>   | -                       |
| Rua Nova ou da <i>Misericórdia</i>                                     | -                       |
| Rua do Pão e Queijo  | -                       |
| <i>Rua do Pelourinho</i>   | -                       |
| Rua do Pocinho   | -                       |
| Rua de Sant'Anna   | -                       |
| Rua de S. <sup>o</sup> Agostinho                                       | -                       |
| Rua de S. Braz ou <i>Cadeia Velha</i>                                  | -                       |
| Rua da Sé  | -                       |
| Rua de S. Tiago  | -                       |
| <i>Rua de Viana</i>  | -                       |
| Sítio da Ordem   | -                       |
| Terreiro   | Terreiro                |
| <i>Torre Seca</i>  | -                       |
| Travessa do Pão e Queijo   | -                       |
| <i>7 Portas</i>  | -                       |

Existem ainda outros pormenores que aparecem na planta original de 1816 e já não figuram na dita de 1809, ou a do Tito Larcher, como por exemplo o Passo de Via Sacra que é representado no bloco de edifícios que hoje são a Biblioteca - Pousada da Juventude – Cedil.

Verificamos ainda que a planta 1, dita de 1809, foi desenhada a tinta-da-china sobre tela (que não existia em 1809). Nela introduziram-se-lhe os toponímicos de muitas ruas, largos, igrejas/capelas, fontes, etc., que não se encontram na planta 2, de 1816. Mas ao examinarmos mais de perto a planta 1, descobrimos que alguns desses toponímicos foram lá escritos com tinta ferro-gálica, que oxidou, oxidando a tela. Registamos, no quadro acima, essas situações, colocando em “*itálico*” os toponímicos naquela situação.

Existe ainda um outro ponto interessante: é que foi rasurado da planta 1 a indicação de “*casa das Cortes*” no Largo do Correio. Mas, na planta 3, aquela que se encontra nos arquivos da Câmara Municipal de Leiria, copiada da nº 1, em Agosto de 1939, por processos heliográficos, mantém a indicação “*casa das Cortes*”. Onde a rasura, na planta 1 foi realizada após 1939 !

É curioso que a única casa<sup>8</sup> mencionada na planta nº 2, de 1816, seja a de Maria Cândida Pereira da Silva Barba Alardo . Trata-se de uma boa casa que se encontrava em face do Paço do Bispo, no Largo do Paço e que na Décima de 1811 valia trinta e oito mil centos de reis e pagou de décima 7000 réis. Por outro lado quem

---

<sup>7</sup> A planta 3 tem, nesta rua a indicação “caminho para a Batalha”.

<sup>8</sup> Na Décima de 1811 valia trinta e oito mil centos de reis e pagou de décima 7000 réis

copiou esta planta em 1902 não colocou o nome daquele proprietário, preferindo mencionar proprietários de outras casas, pois seria natural que o seu nome fosse desconhecido em 1902.

Podemos apresentar uma teoria para o facto desta casa seja a única com a indicação do nome de proprietário, na planta de Brandão de Sousa de 1816.

Lembremos que o desembargador José Diogo Mascarenhas Neto (1752-1826) é o Superintendente Geral das Estradas, lugar criado para promover a abertura de Estradas Reais (CHARTERS-D'AZEVEDO, 2011, p. 21). Era, por assim dizer, a quem o Real Corpo de Engenheiros reportava e isso até 1799, data a partir da qual Mascarenhas Neto é nomeado Superintendente dos Correios. Mascarenhas Neto casou-se com Maria Luísa Maraver Silva Athayde, da casa do Terreiro, em Leiria e tiveram um filho e 3 filhas. Uma das filhas, Maria Luisa, casa-se com Joaquim Augusto Pereira da Silva da Fonseca, oficial do exército, precisamente filho de Maria Cândida Pereira da Silva Barbo Alardo e de seu marido Silvério da Silva Fonseca. Um outro filho deles era o coronel João Pereira da Silva Fonseca.

Assim parece natural que os oficiais engenheiros, quando se deslocavam a Leiria, conhecessem a casa, fossem visita, ou se alojassem em casa de D. Maria Cândida, que além de ter dois filhos camaradas de armas, era comadre de José Diogo Mascarenhas Neto que eles bem conheciam. Assim se justifica que quando do levantamento da planta de Leiria, a casa de D. Maria Cândida fosse referida pelo major Manuel Joaquim Brandão de Sousa. Em 1902, já não fazia sentido, para Tito Larcher, colocar esta referência, pois a casa danificada em 1811 durante a retirada dos franceses, foi vendida uns anos depois.

### **Conclusão**

Consequentemente parece que a planta 1, dita de 1809, não é mais do que uma cópia da planta 2, levantada pelo major Brandão de Sousa, em Dezembro de 1816, adaptada e melhorada com as indicações que se conheciam em 1902, quando foi copiada, pois, por exemplo:

- Introduziram-se-lhe nomes das ruas e largos, bem como dos de edifícios, públicos, privados e religiosos;
- Corrigiu-se o nome do rio de Lena para Liz;
- Colocou-se a data da construção dos troços de entrada e de saída na cidade da Estrada Real Coimbra-Lisboa, coisa que nenhuma planta militar incluiria;
- Cortou-se a indicação da autoria;

- Eliminou-se a escala em braças actualizando-a (!) para a decimal<sup>9</sup>, que só se começou a usar 50 anos mais tarde;
- Colocou-se o brasão de Leiria com uma moldura, figura que foi adoptada por Vilhena Barbosa (1860) somente em 1860;
- Copiou-se, mal, a localização do pelourinho na Praça, marcando-o em frente do edifício ao lado esquerdo da Câmara.

Poderíamos ir mais longe, analisando outros detalhes que nos confirmam que a planta dita por Tito Larcher de 1809 não pode ser desta data. Por exemplo, se cruzarmos a informação que nos dá a Décima de 1820<sup>10</sup> sobre os proprietários no Terreiro (naquela altura chamado Terreiro de Miguel Luís), vemos que lá se encontra a casa de José Faria Gomes de Oliveira, como indica a planta, mas a Décima de 1811<sup>11</sup>, não contempla qualquer referência a ele como proprietário no Terreiro<sup>12</sup>. Donde, em 1809, José Faria Gomes de Oliveira não era ainda proprietário no Terreiro de Miguel Luís.

Podemos igualmente verificar que, por exemplo, na Décima da cidade de Leiria de 1811, bem como na de 1820 e na 1833, as transversais da rua Direita não tem nomes. São simplesmente indicadas como 1<sup>a</sup>, ou 2<sup>a</sup>, etc., travessa do lado direito, ou do lado esquerdo (CHARTERS-D'AZEVEDO, 2008, anexo 3). Já nos livros da Matriz Predial da freguesia da Sé, de 1860 já encontramos essas travessas com nomes atribuídos

Em conclusão, poderemos afirmar que a planta 1, dita de 1809, é a planta 2, de 1816 levantada pelo major Joaquim Brandão de Sousa, à qual, quando foi copiada em 1902, foram-lhe introduzidas informações e legendas que não constam na original. Podemos afirmar que Tito Larcher procurou melhorar o conhecimento sobre cidade dotando aquela planta de informações que eram conhecidas no início do século XX, e tal foi realizado em dois momentos: quando foi copiada do original levantado pelo major Brandão de Sousa em 1816, e quando, um pouco mais tarde, se acrescentaram pelo mesmo punho, outras indicações toponímicas cuja tinta oxidou. Procurou-se igualmente converter as braças em metros, colocando-lhe uma escala decimal. Enfim todas estas modificações levaram a que quem fez a cópia, se optasse, na altura, de retirar a legenda da autoria da planta base.

---

<sup>9</sup> O sistema métrico de unidades foi introduzido em Portugal pelo Decreto de 13 de Dezembro de 1852. O Decreto de 20 de Junho de 1859 estabeleceu como obrigatório o uso exclusivo do sistema métrico. Este decreto entrou em vigor para as medidas lineares, em Lisboa a 1 de Janeiro de 1860 e nas restantes localidades a 1 de Março do mesmo ano.

<sup>10</sup> Tribunal de Contas, DP nº 531.6 e anexo 3 em CHARTERS D'AZEVEDO, Ricardo – *As destruições provocadas pelas Invasões Francesas em Leiria*. Leiria: Folheto, 2009

<sup>11</sup> Tribunal de Contas, DP nº 527.2

<sup>12</sup> Eram proprietários, Martinho António Miguel Luís da Silva Ataíde, José de Sousa Castelo Branco, Padre Inocêncio Soares do Amaral, Luís Pereira da Silva, Manuel José da Costa, herdeiros de José Joaquim Coelho do Vale e os herdeiros do Cónego José António.

## **Bibliografia**

BARBOSA, I. de Vilhena. As cidades e Villas da Monarchia Portuguesa que tem Brasão de Armas. Lisboa: Tip Panorama, 1860, Vol. II

CABRAL, João. Anais do Município de Leiria. Leiria: Câmara Municipal, 1993, 2º ed. rev. e aumentada.

CHABY, Claudio de. Excerptos históricos e colecção de documentos relativos á guerra denominada da península e ás anteriores de 1801 e do Rouissillon e Cataluña. Lisboa: Imprensa Nacional, 1865, 3ª Parte.

CHARTERS-D'AZEVEDO, Ricardo, PORTELA, Ana Margarida, QUEIROZ, Francisco. Villa Portela, os Charters d'Azevedo em Leiria e as suas relações familiares (séc XIX). Lisboa: Gradiva, 2007.

CHARTERS D'AZEVEDO, Ricardo. As destruições provocadas pelas Invasões Francesas em Leiria. Leiria: Folheto, 2009

CHARTERS-D'AZEVEDO, Ricardo. A Estrada de Rio-Maior a Leiria em 1791. Leiria: Textiverso, 2011

COSTA, José Maria Neves da. Relação dos serviços militares do major José Maria das Neves Costa, desde Outubro de 1808, até ao fim de 1816. Manuscrito no processo do mesmo no AHM, Cx 641. 1818

DIAS, Maria Helena. O Brigadeiro José Maria das Neves Costa (1774 – 1841), patrono do Instituto Geográfico do Exército. Lisboa: IGP, Nov. 2005

DIAS, Maria Helena. Portugallie Civitates, perspectivas cartográficas militares. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército, 2008

LARCHER, Tito. A planta de Leiria em 1809. O Districto de Leiria, Leiria, nº 1052, p. 2, coluna 4, 24.5.1902.

**Figuras**



Fig. 1 - Planta de Leiria existente no Arquivo Distrital de Leiria (ADLeiria, Dep VI, gaveta nº 15)

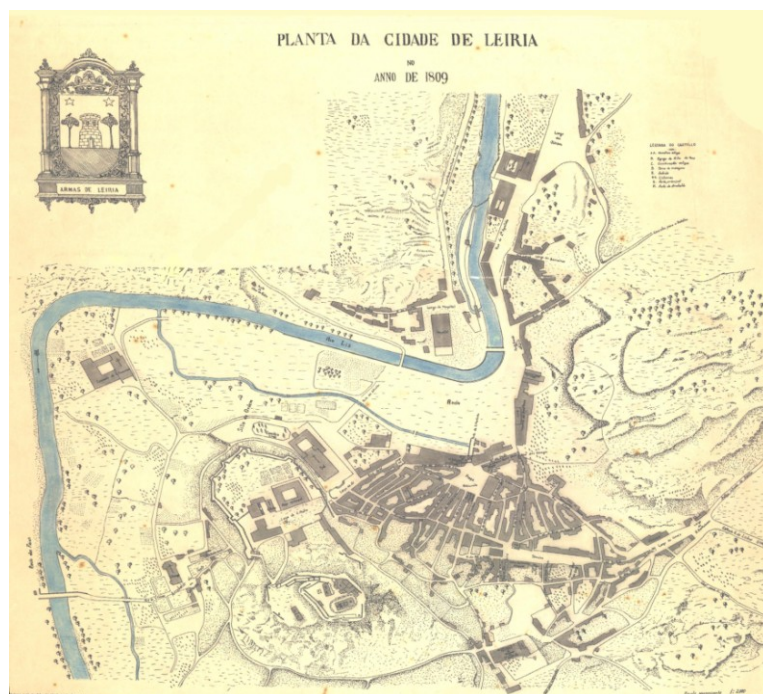


Fig. 3 - Planta de Leiria existente na Câmara Municipal de Leiria (CML, Desenho 92, Armário 1, gaveta 7)



Fig 2 - Planta de Leiria existente no Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar da Direcção de Infra-estruturas do Exército: (DSE, A2; P3; Nº 1B)

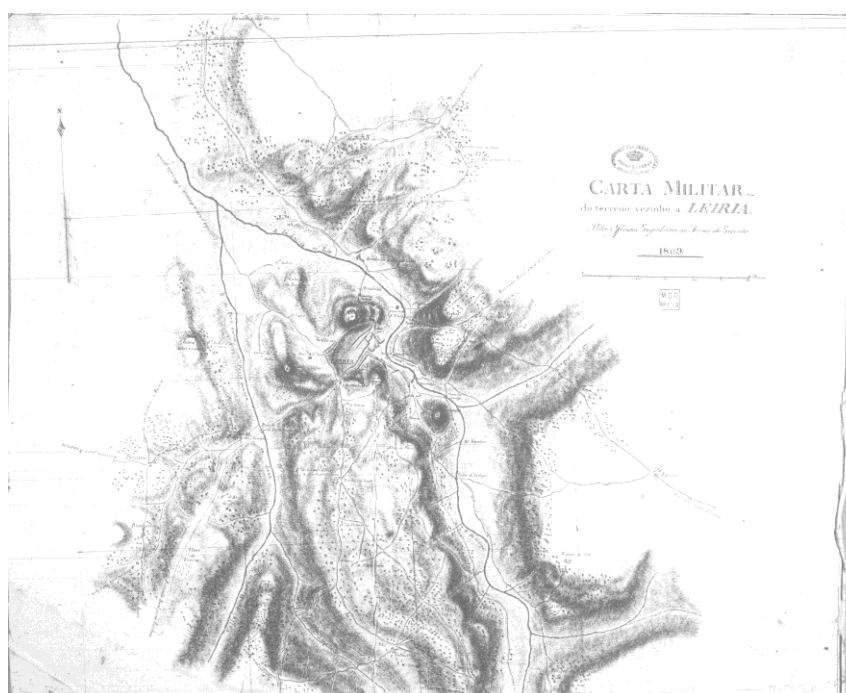


Fig 4 - Carta militar do terreno vizinho de Leiria, levantado em 1809, existente na Biblioteca do MOPTC (Cota: C 0036-3B BAHOP)

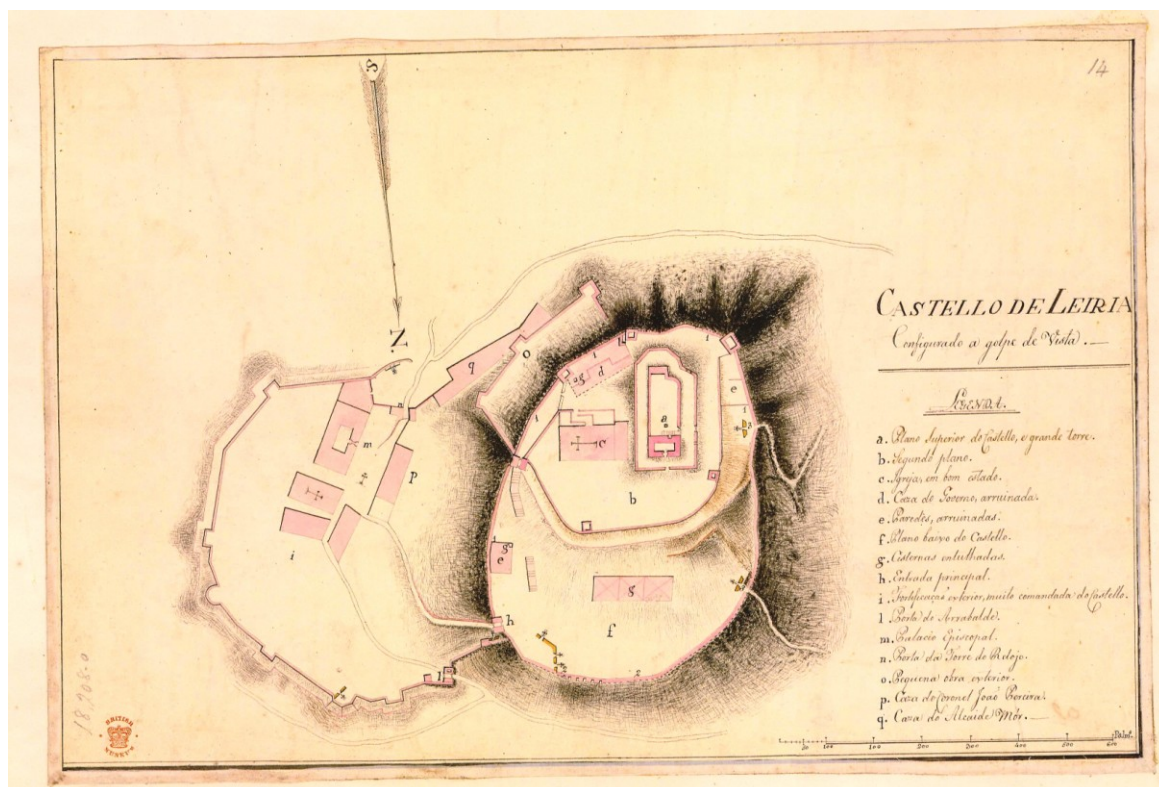


Fig. 5 - Castello de Leiria. Configurado a golpe de vista (The National Archives, Kew, Cota: MPH 1/151/13)



Fig 6 - A cidade de Leiria em 1791. (Detalhe da carta CA nº 436 do Instituto Geográfico Português)